

O MANIFESTO

Aos operários da construção civil: Companheiros —
Que Deus e Vargas estejam convosco. A mim ambos desaparam; mas o momento não é de queixas, e sim de luta. Não me dirijo a toda a vossa classe, pois não sou um demagogo. Sou um homem vulgar, e vejo apenas (mal) o que está diante de meus olhos. Estou falando, portanto, com aqueles dentre vós que trabalham na construção em frente a minha janela. Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; qual bate o martelo, qual despeja nas fôrmas o cimento, qual mira a planta, qual usa a pá, qual serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, qual ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.

Espero. Olho este último homem. Tem ar calmo, veste um macacão desbotado, uma espécie de gorro na cabeça, um lápis vermelho na orelha, uma trena no bolso detrás; e, pela cara e corpo, não terá mais de 25 anos. Parece um homem normal; vêde, porém, o que faz. Já ajustou a sua tábua; e agora a empurra lentamente contra a serra que gira. Começou. Um guincho alto, agudo e ao mesmo tempo choroso domina o batecum dos martelos e rompe o ar. Dir-se-ia o espasmo de um gato de metal, se houvesse gatos de metal. Varando o lenho, o aço chora; ou é a última vida da árvore arrancada do seio da floresta que solta esse grito lancinante e triste? De momento seu estridor me vara os ouvidos como imponderável pua.

Além disso, o que me mandais, irmãos, são outros ruídos e muita poeira; dentro de uns cinco dias tereis acabado o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima. E ireis aos poucos subindo para o céu, vós que comeastes a trabalhar em um buraco do chão.

Então me tereis vedado todo o sol da manhã. Minha casa ficará úmida e sombria; e ireis subindo, subindo. Já disse que não me queixo; já disse: melhor, cronicarei à sombra, inventarei um estilo de orquídea para estas minhas flôres de papel.

Nossos ofícios são bem diversos. Há homens que são escritores e fazem livros que são como verdadeiras casas, e ficam. Mas o cronista de jornal é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai.

Vós ides subindo, orgulhosos, as armações que armais e breve estareis vendo o mar a leste e as montanhas azuladas a oeste. Oh, insensatos! Quando tiverdes acabado, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas; ireis tão pobres do que sois, pois também tereis gastado algo que ninguém vos paga, que é a força de vossos braços, a mocidade de vossos corpos.

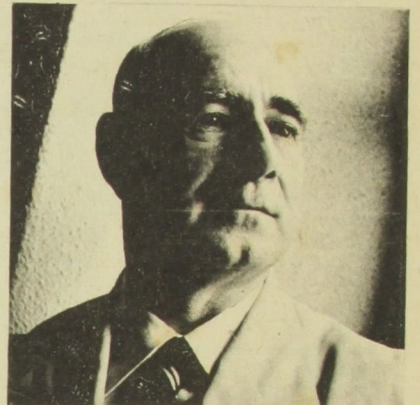
E ficará aqui um edifício alto e branco, feito por vós. Voltai uma semana depois e tentai entrar nele; um homem de uniforme vos barrará o passo e perguntará a que vindes e vos olhará com desconfiança e desdém. Aquêl homem representa outro homem que se chama o proprietário; poderoso senhor que se apóia na mais sólida das ficções, a que se chama propriedade. O homem da serra circular estará, certamente, com o ouvido embotado; em vossos pulmões haverá a lembrança de muita serragem e muito pó, e se algum de vós despencou do alto, sua viúva receberá o suficiente para morrer de fome um pouco mais devagar.

Não penseis que me apiado de vós. Já disse que não sou demagogo; apenas me incomodais com vossa vã atividade. Eu vos concito, pois, a parar com essa loucura — hoje, por exemplo, que o céu é azul e o sol é louro, e a areia da praia é tão meiga. Na areia poderemos fazer até castelos soberbos, onde abrigar o nosso íntimo sonho. Eles não darão renda a ninguém, mas também não esgotarão vossas forças. É verdade que assim tereis deixado de construir o lar de algumas famílias. Mas ficai sossegados: essas famílias já devem estar morando em algum lugar, provavelmente muito melhor do que vós mesmos.

Ouvi-me, pois, insensatos; ouvi-me a mim e não a essa infame e horrenda serra que a vós e a mim tanto azucrina. Vamos para a praia. E se o proprietário vier, se o banqueiro vier, se o governo vier, e perguntar com ferocidade: "estais loucos?" — nós responderemos: "Não, senhores, não estamos loucos; estamos na praia jogando peteca". E eles recuarão, pálidos e contrafeitos.

DUAS PÁGINAS DE **Rubem**

GENTE DA CIDADE



Marcelo Garcia,
pediatra

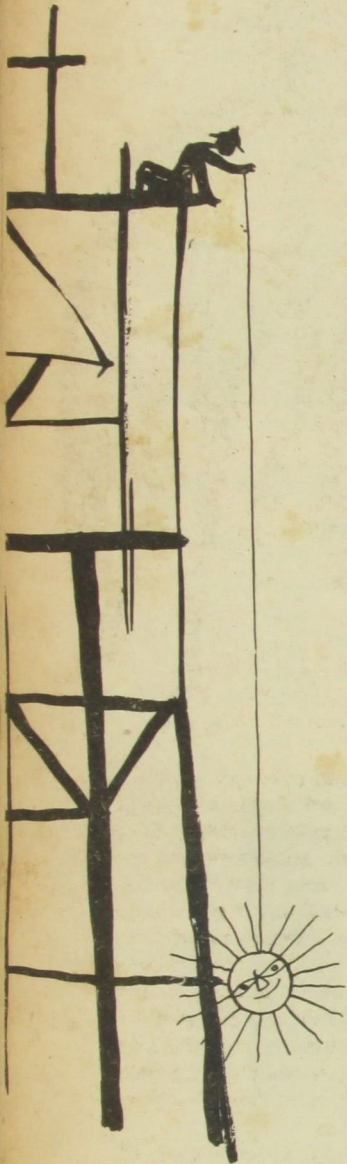
MARCELO José de Amorim GARCIA nasceu na rua da Imperatriz, Recife, em 1911, e veio para o Rio aos 4 anos de idade. Mãe pernambucana, pai do Rio Grande do Norte — o saudoso historiador Rodolfo Garcia, que foi diretor do Museu Nacional e da Biblioteca Nacional. Fêz os cursos primário e secundário no Colégio Santo Inácio, dos jesuítas, e "por isso eu perdi a Fé muito cedo".

Medíocre na prática dos esportes, só se destacou um pouco em natação (ala brasse) e desde cedo quis ser médico. Gostava de ler bula de remédio e achava formidável sobretudo o médico da Assistência naquele carro branco e badalante. Entrou para a Faculdade em 1927; colega de turma e amigo de sempre, Odilon Batista. Queria se dedicar à psiquiatria, mas um grande psiquiatra o desaconselhou com melancolia, naquele tempo muito justo: nós só fazemos colecionar casos; não curamos ninguém... Como sempre gostou muito de crianças, resolveu-se pela pediatria.

Saindo da Faculdade em 32, entrou para a Assistência, e organizou ambulatórios de pediatria em vários hospitais da Prefeitura, até que se fundou o Hospital Jesus, só para crianças. Para lá foi, e ficou até hoje. Foi diretor durante 3 anos e se revelou um grande administrador, devotado e capaz; quando as verbas eram curtas organizava festas para aparelhar melhor o hospital. Sua demissão (motivo verdadeiro: esquecera-se de convidar a senhora do feito para uma festinha de véspera de Natal) foi um dos atos mais injustos e estúpidos do então prefeito Mendes de Moraes, que deu uma "incerta" no hospital às 7 da manhã e fingiu ficar danado por não encontrar o diretor, cujo horário de entrada era às 8... Chamado a dar explicações, limitou-se a apresentar pedido de demissão. Não podendo demiti-lo da Prefeitura o fofoso general o removeu: durante 3 meses o ex-diretor do Hospital trabalhou na ambulância, cumprindo assim à força um sonho infantil.

Na clínica particular foi o primeiro médico de nome a instalar consultório em Copacabana, e sua clientela incluí pais os mais variados — escritores, gráfinos, aviadores e comerciantes portugueses, principalmente. E' responsável, entre muitos outros, pela saúde dos filhos de Roberto Marinho, Alvaro Catão, César Ladeira, Sérgio Bernardes, Didu Campos, Maurício Roberto, Horácio de Carvalho, Gabriel Ferreira, Nelson Batista, Bêti Faria, Miguel Faria (campeão brasileiro de polo, golfe, bridge e futebol de botão) Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Aloysio Salles, ministro Hugo Gouthier, governador Amaral Peixoto, Carlos Lacerda, pianista Claude Austin, Adauto Lúcio Cardoso, Carlos Thiré, Vinícius de Moraes, Dario Magalhães, Juscelino Kubitschek, jornalista Castelo Branco, etc. etc. Um só cliente adulto: Hermes Lima.

Como pediatra sentiu necessidade de estudar psiquiatria para entender melhor as crianças... e os pais, especialmente as mães. Fêz, com José Martinho da Rocha, uma bela revista "Criança", para os pais que, durou dois anos e deu prejuízo. Teve uma seção de puericultura no "O Jornal" e publicou vários estudos, notadamente sobre "Raquitismo no Brasil", quando se



A POESIA É NECESSÁRIA

UM SONETO DE
ILKA SANCHES

O espantalho

*Acenando horizontes intocados
No gesto erguido a todos os espaços,
Quero prender em vão sonhos alados
Na ternura impossível dos meus braços.*

*Vou guardando os meus campos soterrados
No silêncio final em que os meus passos
Abrem sulcos na terra onde os arados
Não conseguiram imprimir seus traços.*

*Inútil este amor nos braços graves:
— espavoridas fogem sempre as aves,
e as altas nuvens partem sem saudade.*

*Mas não penso em fechá-los um momento:
— tudo o que passa encontra o esquecimento,
e o meu gesto oferece eternidade.*



Do livro "País do Longe", Gráfica Laemmert, Ltda., Rua Carlos de Carvalho, 48, Rio, 1953.

Cigano

CM 22.5.51
B4

acreditava que essa doença não existia neste país de sol. Como todo médico do Hospital Jesus tem uma visão profunda e desoladora da miséria do povo carioca, a miséria que mata ou aleija as crianças. Acha que a esse respeito o problema número um é o leite, péssimo e caro — "se ao menos esses bandidos pusessem água limpa no leite!" Acha que a Prefeitura podia fechar o Departamento de Puericultura e empregar toda a verba na formação de granjas cooperativas para fornecer leite bom, abundante e barato.

Entre os pequenos problemas de sua profissão destaca um: pais magros querem filhos gordinhos, como esses bebês dos anúncios de farinhas e leite em pó. Tem uma grande paciência com o nervosismo dos pais e, uma vez, acordado às 3 da madrugada por um pai gago (primiparo) que lhe perguntava o que devia fazer, pois o bebê dera um espipipirriro, aconselhou-o a dizer "Dominus vobiscum" e dormir em paz.

Com 20 anos de clínica, já tem alguns clientes filhos de ex-clientes — "sinto-me tão avô", suspira. Casou-se aos 22 anos com moça de família paulista, tem uma filha de 19, um rapaz de 17 que está no primeiro de Direito e vai ser "foca" da "Tribuna da Imprensa", e outro de 13. Homem tranqüilo muito bem informado sobre política (não faz) e literatura (leitor constante de Proust) tem a espantosa qualidade de discutir sem se irritar, e ouvindo e pesando os argumentos do outro. Fêz várias viagens; a primeira foi aos Estados Unidos, em 1943, para estudar a paralisia infantil. Até há pouco tempo jogou tênis, hoje gosta de um bridge. Papo macio, úisque moderado. Foi secretário e depois presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, é membro da American Academy of Pediatrics. Uma boa coleção de quadros de Pancetti, outros de Graciano, desenhos de Thiré e Augusto Rodrigues. Dois apartamentos em Copacabana (residência e consultório) um em Petrópolis. Frequenta o Country. Acha que trabalha demais: "só há mesmo uma coisa pior do que ter uma grande clientela, é não ter nenhuma". Tem a mesma longa paciência com os clientes milionários e os "caronas". Em muitas famílias funciona, sem querer, como conselheiro sentimental, e dizem que tem reajustado vários casais ao mesmo tempo que cuida dos filhos; mas foge a isso.

Adquiriu há anos um hábito salutar, que deveria ser imitado por muitos cidadãos, em várias épocas do ano: pelo Natal manda uma invariável garrafa de "scotch" a este vosso pobre e invariavelmente sedento cronista. Espanta-se fica triste constantemente com a desagregação da família: "pôxa, três oculistas acabam de se separar de suas mulheres! "Três oculistas!"

Entre os números que contam a grandeza do Município de Cachoeiro do Itapemirim há este, capaz de espantar o leitor distraído: 25.379 pios de aves, anualmente. Não, a Prefeitura não espalhou pela cidade e distritos equipes de ouvidores municipais, encarregados de tomar nota cada vez que uma avezinha pia. Trata-se de pios feitos para caçadores. E quem os faz é uma família de caçadores de ouvido fino — os Coelho, cujas três gerações moram na mesma e linda ilha, onde o rio se precipita naquele encachoeirado, ou cachoeiro, que deu o nome á cidade.

Trata-se de um artesanato sutil; não lhe basta a perícia técnica de delicados torneiros que faz, dêses pios bem acabados, pequenas obras de arte; exige uma sensibilidade que há de estar sempre aguçada. Digis que é uma arte assassina; e na verdade, incontáveis milhares de bichos do Brasil e da América do Sul já morreram por acreditar, em um momento de fome ou de amor, naqueles pios imaginados entre os murmúrios do Itapemirim.

Dizem que os Coelho fazem até, em segredo, pios para caçar mulher. Famosa caçada é essa, em que não raro é o caçador a presa da caça. Não sei. Ainda que eu seja Coelho pela parte de mãe, devo ser de outro ramo, visto que nunca me deram um pio dêses. Nem quero.

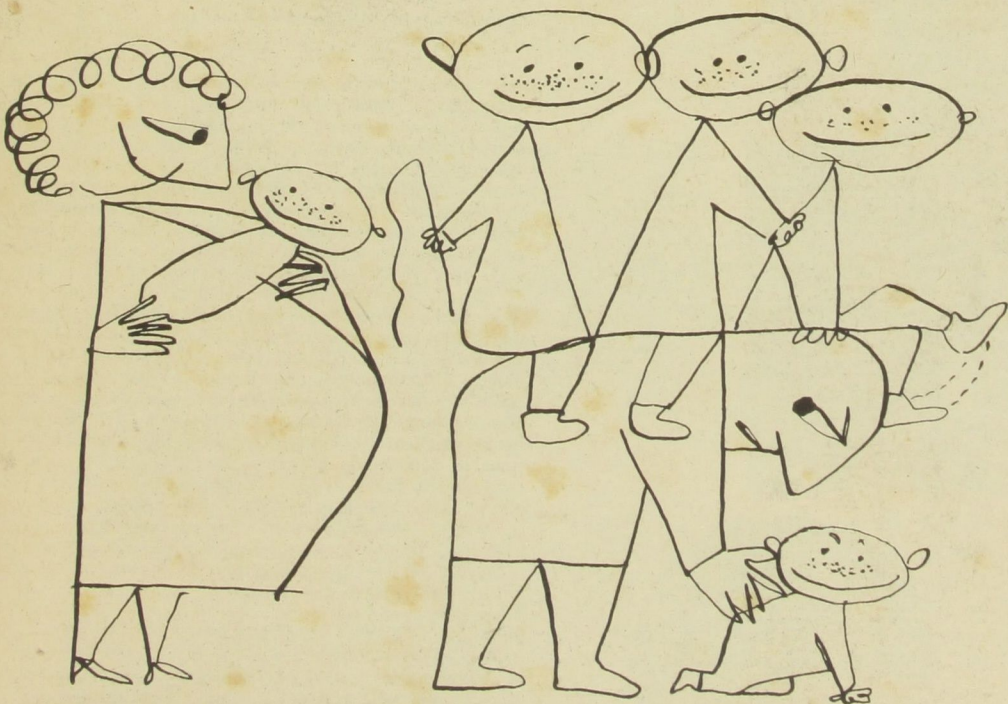
De minha família acho que sai mais ao tio segundo Quinca Cigano, nascido na lavouira mas vivido pelos caminhos, e que vivia de



barganhar. Barganhava uma coisa por outra, e depois mais outra; e não sei o que arrumava, que depois de muito andar pelo mundo, voltava sempre ao Cachoeiro, tendo apenas de seu um cavalo magro e triste. Chegava sempre de noite, como um ladrão; e, como um ladrão, dava a volta por cima do môro e ficava parado, no escuro, atrás da tela da cozinha, esperando. Quando minha mãe ia á cozinha fazer o último café, Quinca Cigano, lá do escuro, murmurava seu nome. Ela se assustava; mas ele logo dizia, com sua voz que a poeira dos caminhos e a cachaça das vendinhas fazia cada vez mais rouca: "É' Quinca".

Entrava; recebia, calado, comida para ele e seu cavalo. Tomava um banho, dormia — e de manhã cedo, de roupa limpa e barba feita, estava na sala de visitas conversando com meu pai. Movendo lentamente sua cadeira de balanço, meu pai lhe dava um cigarro de palha, e perguntava; "Então, Quinca?" Ele dizia que ia voltar para a família, para o sítio; agora queria derrubar aquela mata que dava para o sítio do Sobreiro, formar um cafézal; ia fazer uma manga maior para os porcos; e comentava o preço do arroz e a queda das chuvas. Meu pai o ouvia, muito sério. Sabia que Quinca era sincero naquele momento; e também que alguns dias depois ele sumiria outra vez pelo mundo, no trote do seu cavalo, o cigano solitário.

Feito Quinca Cigano, eu também só tenho caçado brisas e tristeza. Mas tenho outros pesos na massa de meu sangue. Estou cansado; quero parar, engordar, morrer. Que os Coelho da ilha me arranjem um pio, não para caçar mulher, mas para caçar sossêgo. Deve ser um pio triste, mas tão triste que, a gente piando ele, só escuta depois, nesse mato inteiro, um grande silêncio, o silêncio de todos os bichos tristes. Eu não quero, como Quinca Cigano, sair pelo mundo caçando passarinho verde. Passarinho verde não existe; e quem disse que viu, ou ensandeceu ou mentiu.



Acho que me enganei na data